

# **DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: a importância da relação afetiva entre professor e aluno**

Ana Livia de Oliveira Silva\*  
Samantha de Castro Guimarães\*\*

## **RESUMO**

Este estudo descreve o desenvolvimento da criança durante a educação infantil e a importância da relação afetiva entre os alunos e os professores. Tal abordagem se justifica diante do reconhecimento da necessidade do estabelecimento de vínculos afetivos na escola. O estudo tem como finalidade analisar a influência que a afetividade tem no desenvolvimento humano, principalmente na educação infantil e definir conceitos sobre a temática. Este intento será conseguido mediante revisão bibliográfica realizada em obras e artigos científicos publicados em revistas acadêmicas. O estudo evidencia que nos documentos científicos e governamentais, a afetividade é considerada de suma importância para o desenvolvimento da criança. Apesar disso, em algumas situações, nota-se a ausência tanto na prática educativa quanto nos currículos dos cursos de formação inicial e continuada de professores para que haja maior inter-relação entre os aspectos afetivo e cognitivo no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Infantil. Afetividade. Professor e Aluno.

## **1 INTRODUÇÃO**

Este artigo tem o objetivo de apresentar as possíveis influências que a afetividade pode exercer na relação entre professor e aluno, possibilitando compreender a importância da mesma no desenvolvimento cognitivo da criança.

O tema parte da discussão sobre os direitos e as necessidades da criança na educação infantil, ressaltando a preocupação com a sua formação integral em todas as dimensões, desde físicas à psicológicas.

---

\*Ana Livia de Oliveira Silva: Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia FATEPS/UNIS-MG, e-mail: ana.liviaoliveira@alunos.unis.edu.br

\*\*Samantha Guimarães de Castro: Professora Especialista do Curso de Pedagogia FATEPS/UNIS-MG, e-mail: samantha.castro@professor.unis.edu.br

O interesse pelo tema se deu pelo fato da primeira autora desse estudo acreditar que as crianças obtêm melhores desempenhos e resultados quando há afeto e cuidado em seu meio, principalmente na relação com o seu docente.

Nesta perspectiva, essa pesquisa tem como objetivo analisar a influência que a afetividade tem no desenvolvimento humano, principalmente na educação infantil e definir conceitos sobre a temática.

A revisão bibliográfica foi o recurso metodológico utilizado para realização deste artigo, buscando em um primeiro momento relacionar os direitos dos alunos enquanto criança e também como aluno desta etapa da Educação Básica e, em segundo momento, procura-se associar a relação das teorias do desenvolvimento de Piaget, Vygotsky e Wallon destacando a importância da afetividade para a evolução cognitiva da criança.

A evolução da sociedade está diretamente ligada aos valores e formação de sentimentos, sendo o processo afetivo contínuo e transformador, levando em consideração que os sentimentos independentes do “eu” é construído com a contribuição do outro e vice e versa, tornando-se uma troca intrapessoal. No processo de ensino e aprendizagem, a afetividade se faz presente e fundamental em especial na Educação Infantil, ela auxilia nesse processo e tem o professor como mediador.

Sendo assim, é importante que os papéis atribuídos aos aspectos afetivos e cognitivos sejam revistos para que haja uma melhor compreensão sobre os diferentes processos.

## **2 A CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Para compreender a criança na Educação Infantil é necessário compreender seus direitos enquanto criança e, também como aluno dessa Etapa da Educação Básica. Para isso, pode-se utilizar os preceitos do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990; as orientações e determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN – Lei nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996; Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - DCNEI (2010) e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017), documentos normativos e norteadores dos currículos escolares.

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990) reconhece a criança e o adolescente como sujeitos de direitos e determina que a família, o Estado e a sociedade se responsabilizem por sua proteção, pelo fato de que estas pessoas estão em constante desenvolvimento físico, psicológico, moral e social como prevê no seu Art. 3º da Lei nº 8069:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990 s.p).

A criança é um sujeito histórico e de direitos, que constrói sentidos sobre a sociedade e natureza através das interações, relações e práticas cotidianas, previsto no Artigo 4º das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 1999).

Neste contexto, onde a criança é envolta de interações e suas relações, destaca-se na Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e representa o primeiro contato da criança com a socialização estruturada fora do ambiente familiar. Esse rompimento é um marco no trajeto escolar, pois é através dele que a criança irá adquirir novas experiências em contato com pessoas diferentes do meio em que vive. (BRASIL, 2017)

Percebe-se, portanto, a necessidade de firmar na educação um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica.

Tanto que, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, de 1996, ressalta a preocupação com a criança em seu desenvolvimento e formação integral, de acordo com o previsto em seu artigo 29 e 30, que diz:

[...] primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Art. 30. A educação infantil será oferecida em: I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade (BRASIL, 1996, p.22).

Nota-se a relevância que a educação exerce na formação do sujeito e ressalta a necessidade de desenvolvermos habilidades que envolvam as aprendizagens sociais, mas, também, socioemocionais. A BNCC estabelece, ainda, o educar e o cuidar como inseparáveis no processo educacional na Educação Infantil, acolhendo vivências e conhecimentos que as crianças adquiriram dentro do âmbito familiar e no ambiente da comunidade associando aos trabalhos pedagógicos para que possam amplificar seus conhecimentos, habilidades e experiências. (BRASIL, 2018)

Envolvendo as diretrizes traçadas pela DCNEI (2010), BNCC (2017) e LDBEN (1996), podemos perceber a importância da afetividade e relação professor e aluno para o desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil.

## 2.1 Desenvolvimento Cognitivo Infantil

As crianças evoluem naturalmente de maneiras distintas conforme o ambiente em que estão inseridas. A cognição é parte do nosso sistema cerebral e observar o desenvolvimento cognitivo da criança é essencial para sustentar um bom progresso até a fase adulta. São muitas as correntes de estudo em relação ao desenvolvimento cognitivo, cada qual reconhecendo as diferentes formas que elas podem acontecer.

Busca-se, neste contexto, as teorias de Piaget, Vygotsky e Wallon, elaboradas na vertente da Psicologia da Educação, visando evidenciar e teorizar o desenvolvimento do pensamento e a linguagem das crianças. Que, segundo Silva Leite (2012, p.355), são teóricos que assumem como “pressuposto, que as relações que se estabelecem entre o sujeito, o objeto de conhecimento e o agente mediador também são profundamente marcadas pela dimensão afetiva, uma vez que produzem impactos subjetivos no sujeito”.

Piaget (1896-1980) estudou a evolução do pensamento da infância até a adolescência, buscando compreender os recursos mentais que o sujeito utiliza para entender o mundo. A epistemologia genética é uma teoria do conhecimento focada no desenvolvimento natural da criança. Sendo assim, “Piaget salienta o desenvolvimento biológico e maturacional de maneira cronológica, seguindo uma sequência de estágios a serem atingidos. Nesse sentido, é necessário que a criança atinja os estágios de desenvolvimento, para que a aprendizagem ocorra.” (RIBEIRO, 2016, p. 396-397)

Para Piaget (1978) a criança passa por uma sequência de estágios de desenvolvimento sendo elas: Período sensório-motor (0 a 2 anos): a inteligência sensório-motora é caracterizada pela ausência de pensamento, representação ou linguagem e reflexos, primeiros hábitos. Período pré-operatório (2 a 7 anos): função simbólica, as interrogações acerca dos objetos a serem manipulados e utilizar objetos que lhes são ausentes, através do brinquedo. Período operatório-concreto (7-8 anos a 11-12 anos): pensamento lógico, a criança pode apresentar capacidade para classificar. Período operatório formal (12 anos em diante): consegue resolver problemas de forma abstrata.

O destaque está na construção das passagens pelos quais o indivíduo progrediu de um estado introdutório pré-linguístico até um determinado estado atual, onde é apto de um formalismo linguístico. Dessa maneira, esses estágios para Gazaro (2018) possibilita que a criança se desenvolva e consiga identificar sinais de afeto:

[...] cada estágio é responsável por reflexos e emoções pessoais e intrapessoais, que resultaram nos impulsos afetivos, em que a consciência do “eu” passará a reconhecer e identificar sinais de afeto, criando e fortalecendo o equilíbrio entre a vida afetiva e intelectual da criança” (GAZARO, 2018, p.8).

Em relação à afetividade é preciso lembrar que, na teoria de Piaget (2005), cognição e afetividade apresentam-se como aspectos indissociáveis do funcionamento mental.

Contrapondo a ideia do biólogo Jean Piaget que defende a aquisição de conhecimento aos processos internos ao invés dos processos interpessoais, as extensas obras de Lev Vygotsky (1896-1934) evidenciam outros aspectos. Ele atribuiu um papel predominante às relações sociais nesse processo, dando início a corrente pedagógica sociointeracionista.

A teoria de Vygotsky indica que a criança nasce com funções psicológicas fundamentais e o desenvolvimento cognitivo acontece por meio de interação social com outros indivíduos e com o meio. Sobre essa teoria, Shaffer (2012) afirma que as crianças adquirem conhecimento através de diálogo com pessoas mais experientes da sociedade.

A teoria sociocultural é uma perspectiva de Vygotsky sobre o desenvolvimento cognitivo; segundo essa abordagem, as crianças adquirem seus valores culturais, crenças e estratégias de solução de problemas por meio do diálogo colaborativo com membros mais sábios da sociedade. Para Vygotsky, a cognição humana, mesmo quando realizada de forma isolada, é inerentemente sociocultural, afetada por crenças, valores e ferramentas da adaptação intelectual transmitidas aos indivíduos por meio de sua cultura (SHAFFER, 2012, p. 312).

Para La Taille (1992), as teses de Vygotsky a respeito dos fatores biológicos e sociais no desenvolvimento psicológico tem dois caminhos completos: “de um lado, o conhecimento do cérebro como substrato material da atividade psicológica; de outro, a cultura como parte essencial da constituição do ser humano, num processo em que o biológico se transforma no sóciohistórico.” (LA TAILLE, 1992, p. 36)

A linguagem na teoria vygotskiana tem grande importância para o desenvolvimento cognitivo e social da criança. Ela manifesta-se pela necessidade do homem de se comunicar com o outro para se organizar e fortalecer grupos. Para o teórico existe uma correlação entre pensamento e linguagem e o desenvolvimento de um é determinado pelo outro. Ribeiro, et.al (2016) exemplifica a linguagem como um meio de mediação e diz que:

Desse modo, a aprendizagem conduz o desenvolvimento e é responsável pela determinação do comportamento humano de superação, transformação e suscitação constante – principalmente, por meio da linguagem. Nesse sentido, a linguagem é o instrumento de mediação entre o eu e o outro, é a base da constituição e da formação da subjetividade humana. (RIBEIRO, 2016, p. 396).

Segundo Gomes (2013) a medida que a criança evoluiu e abrange os seus processos psicológicos como memória, percepção e atenção juntamente com a aquisição da linguagem de alguma forma “modificam a relação antes estabelecida entre a criança e a realidade, e a criança passa então a agir diferentemente, demonstrando maior complexificação do pensamento e da conduta.” (GOMES, 2013, p. 516)

Henri Wallon (1879-1962) foi o primeiro teórico a definir a afetividade como um dos principais elementos para o desenvolvimento infantil. No seu entendimento a criança é uma “pessoa completa” e passa por três campos funcionais: afetivo, cognitivo e motor. Para o teórico as emoções têm um papel primordial para evolução do ser humano.

Silva (2007) descreve as fases do desenvolvimento segundo Wallon, sendo elas exemplificadas da seguinte forma: “Estágio impulsivo-emocional (0 a 1 ano); Estágio sensorio-motor e projetivo (1 a 3 anos); Estágio do personalismo (3 a 6/7 anos); Estágio categorial (7 a 11 anos) e Estágio da adolescência (12 a 18 anos)”. O autor continua indicando que “a transição entre esses diferentes estágios se dá por mecanismos de alternância e preponderância funcional, entre fases com ênfase nos aspectos emocionais e outras com ênfase cognitiva.” (SILVA, 2007)

Para La Taille (1992) a teoria de Wallon é o ponto de partida do psiquismo e a afetividade tem um lugar central na construção de conhecimento da pessoa:

Na psicogenética de Henri Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. Ambos se iniciam num período que ele denomina impulsivo-emocional e se estende ao longo do primeiro ano da vida. “Nesse momento, a afetividade reduz-se praticamente às manifestações fisiológicas da emoção, que constitui, portanto, o ponto de partida do psiquismo” (LA TAILLE, 1992, p. 94).

Portanto, Wallon aponta que a afetividade se mostra por meio de sentimento, emoção e paixão e que essas manifestações aparecem durante toda vida da pessoa, da mesma maneira que o pensamento da criança evolui do sincrético para o diferencial. Segundo ele, a emoção é a primeira expressão da afetividade e não é controlada pela razão. Para o teórico a criança é um sujeito emocional e passo a passo se transforma em um ser sócio-cognitivo, retornando a teoria de Vygotsky que considera o “social” fundamental.

Souza (2011) mostra a relação entre essas duas teorias retratando que para Wallon a relação entre afetividade e inteligência é de alternância e que as primeiras emoções criam estruturas cognitivas e para Vygotsky essas relações se completam e as emoções estão entendidas no âmbito das funções mentais.

## **2.2 Afetividade como elemento essencial no processo de desenvolvimento**

Neste tópico serão apresentadas as principais concepções de afetividade que servirão de apoio teórico metodológico para este estudo.

Para Antunes (2006), “a afetividade se encontra escrita na história genética humana e deve-se a evolução biológica da espécie como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, essa necessidade se traduz em amor” (ANTUNES, 2006, p.5).

A afetividade é um estado psicológico que possui influência na conduta e no aprendizado das crianças. As pessoas guardam experiências e recordações por toda sua vida e a ausência ou presença de afeto pode intervir na maneira que o indivíduo se desenvolverá. Essa sensação de acolhimento possibilita o desenvolvimento integral da criança, tanto no comportamento como na parte cognitiva.

Piaget e Vygotsky em seus estudos, deram importância a afetividade no processo de aprendizagem, mas, Wallon aprofundou mais nessa questão, expondo que a vida psíquica se desenvolve a partir de três dimensões: motora, afetiva e psíquica, que se desenvolvem e atuam de forma integrada e que essas dimensões não se dominam.

De acordo com Silva Leite (2012) a teoria de desenvolvimento de Wallon é explicada pela relação entre o biológico/orgânico e o ambiente social que ocorre na constante interação entre os núcleos, sendo assim, o biológico e o social são indissociáveis. Nessa teoria o mais forte vínculo é a emoção, ainda explica que o afeto envolve tanto o lado biológico como o psicológico “a afetividade, por sua vez, envolve uma gama maior de manifestações, englobando as emoções (de origem biológica) e os sentimentos (de origem psicológica).” (SILVA LEITE, 2012, p. 360)

As teses de Vygotsky, como vimos anteriormente, mostram que o indivíduo nasce como um sujeito biológico, mas que com a introdução da cultura ele passa a ser um sujeito sóciohistórico. De acordo com Silva Leite (2012), para Vygotsky é indispensável o papel do outro como mediador entre o sujeito e o objeto e que as emoções são construídas pela cultura. Para o autor, as emoções deslocam-se do plano individual, inicialmente biológico, para um plano de função superior e simbólico, de significações e sentidos, constituídos na/pela cultura. Nesse processo, internalizam-se os significados e sentidos, atribuídos pela cultura e pelo indivíduo aos objetos e funções culturais, a partir das experiências vivenciadas, sendo crucial

o papel do outro, como agente mediador entre o sujeito e os objetos culturais. (SILVA LEITE, 2012, p. 361).

Nota-se que as posições dos dois teóricos sobre afetividade apresentam pontos semelhantes:

a) ambos assumem uma concepção desenvolvimentista sobre as manifestações emocionais: inicialmente orgânicas, vão ganhando complexidade na medida em que o indivíduo desenvolve-se na cultura, passando a atuar no universo simbólico, ampliando-se e complexificando-se suas formas de manifestação; b) assumem, pois, o caráter social da afetividade; c) assumem que a relação entre a afetividade e inteligência é fundante para o processo do desenvolvimento humano (SILVA LEITE, 2012, p. 361)

Para esses teóricos a afetividade é elemento essencial do processo de desenvolvimento, principalmente da aprendizagem, o que não ocorre somente na escola, mas no convívio com a família e a sociedade.

O processo de ensino-aprendizagem não acontece sem o outro, para isso damos o nome de “interação social”, não há maneira de haver interação sem convívio e trocas, e a afetividade colabora nesse processo. O interesse faz com que os indivíduos ajam de outra maneira. É apropriado afirmar que o desejo faz com que as pessoas passem a agir de maneira diferente, portanto esse desejo é condicionado pelo efeito que vêm dos objetos e das relações que criamos com outras pessoas. (Gomes, 2013)

A afetividade para La Taille (1992) é vista como uma “energia” e que a motivação pode ser despertada por vários objetos ou situações.

Quando se trata de analisar o domínio dos afetos, nada parece haver de muito misterioso: a afetividade é comumente interpretada como uma “energia”, portanto como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a Razão está a seu serviço. (LA TAILLE, 1992, p. 65).

Portanto, a afetividade se faz fundamental para as relações humanas, principalmente para a criança que é um sujeito em formação, com suas particularidades e que precisa de cuidados que contribuam para sua construção como indivíduo.

### **3 A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE ALUNOS E PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Este tópico foi produzido com base na revisão da literatura atual, para tal, foram visitados artigos publicados principalmente no *Scientific Electronic Library Online* – Scielo considerando as palavras-chave: educação infantil, afetividade, professor e aluno.

Dentre os trabalhos localizados destacam-se aqueles que os autores realizaram pesquisa de campo com a temática em pauta: Silva Leite (2012); Ribeiro (2010) e Lourenço (2018) que discutem a importância da mediação do professor em sala de aula e a afetividade no processo de ensino e aprendizagem, onde através de pesquisas de campo obtiveram os resultados significativos comuns à concepção de afetividade já demonstrada neste estudo.

Silva Leite (2012) realizou estudo intitulado: Afetividade nas práticas pedagógicas e teve com o objetivo analisar o papel da afetividade nas práticas pedagógicas desenvolvidas por professores em sala de aula. Tendo também como suporte as ideias de Vygotsky e Wallon.

Como metodologia de pesquisa, o autor afirma que o estudo pretende “identificar e analisar algumas decisões pedagógicas planejadas e desenvolvidas por professores e seus impactos afetivos nas relações que se estabelecem entre o aluno e os conteúdos escolares” (SILVA LEITE 2012, p.255).

O autor identifica decisões tomadas por professores e analisa neste estudo cinco delas: “ a) a escolha dos objetivos de ensino; b) a decisão sobre o início do processo de ensino; c) a organização dos conteúdos de ensino; d) a escolha dos procedimentos e atividades de ensino; e) a escolha dos procedimentos de avaliação do ensino” (SILVA LEITE 2012, p.363).

Segundo o autor, a escolha dos objetivos de ensino pode desencadear a proximidade dos alunos ao tema, mas, “a relação inversa também pode ser verdadeira: um ensino burocrático, com objetivos cuja relevância não é compreendida pelos alunos, pode colaborar para o movimento de afastamento na relação que vai se estabelecer entre o sujeito e o objeto” (Op.cit, 2012, p.363).

Segundo Silva Leite (2012) a escolha dos objetivos de ensino é uma decisão que reflete valores, crenças e concepções por parte de quem os escolhe, e a dimensão afetiva relacionada aos objetivos de ensino refere-se à relevância dos envolvidos no processo, ou seja, alunos e professores, sendo assim, a escolha dos objetivos de ensino pode provocar nos envolvidos sentimentos de maior e menor intensidade afetiva.

Em seguida, serão analisados os dados obtidos com o item d) a escolha dos procedimentos e atividades de ensino. Para o autor, esse tópico diz respeito às atividades que vão ocorrer dentro da sala de aula, como o episódio de ensino será realizado: “vai ministrar

aula expositiva e como, se vai dar trabalho em grupo, propor leitura de texto, realizar pesquisa de campo, etc” (SILVA LEITE, 2012, p. 364).

Neste sentido, é inegável a implicação da dimensão afetiva em cada atividade planejada e desenvolvida. Atividades bem escolhidas e adequadamente desenvolvidas, sem dúvida, aumentam as chances do aprendizado com sucesso por parte do aluno e a conseqüente relação afetiva de aproximação entre o aluno e os conteúdos envolvidos. (Op.cit, 2012, p. 364).

O autor faz o seguinte alerta: a escolha dos procedimentos e atividades de ensino provoca nos alunos inúmeros desafios que podem se transformar em situações de sucesso e de fracasso para o aluno. Dessa forma:

[...] nas atividades de ensino concentra-se, concretamente, grande parte da carga afetiva da sala de aula, através das relações interpessoais entre professores e alunos: olhares, posturas, conteúdos verbais, contatos, proximidade, tom de voz, formas de acolhimento, instruções, correções, etc. constituem aspectos da trama de relações interpessoais que implicam em um enorme poder de impacto afetivo no aluno, positivo ou negativo, dependendo da forma como essas interações são vivenciadas (SILVA LEITE, 2012, p.364).

Como palavra final, Silva Leite (2012) afirma que a afetividade está presente em todas as decisões assumidas pelo professor em sala de aula e podem produzir tanto impactos positivos como negativos na subjetividade das crianças. Diz ainda que a qualidade da mediação pedagógica assume um papel determinante da condição dos vínculos que serão estabelecidos entre os alunos, objetos e conteúdos escolares.

O estudo de Ribeiro (2010) nomeado: A afetividade na relação educativa tem o objetivo de buscar uma explicação para a carência de inter-relação entre as noções cognitivas, emocionais e afetivas e a falta de obras sobre o afeto no meio pedagógico.

A pesquisa pretende evidenciar a importância da afetividade, e os fatores que expliquem a falta desse elemento na relação educativa, “apontando para a necessidade de uma discussão profunda e ampliada sobre o assunto, principalmente por parte dos formadores de professores.” (RIBEIRO, 2010, p. 2)

O autor discorreu sobre os seguintes pontos: afetividade e aprendizagem; afetividade e a motivação dos alunos; a formação afetiva dos professores; a dimensão afetiva no ensino; explicações para a ausência da dimensão afetiva e a inter-relação entre os aspectos cognitivos, emocionais e afetivos (RIBEIRO, 2010).

As pesquisas de revisão bibliográfica de Ribeiro (2010) mostram que os alunos têm mais interesse por matérias onde mantém uma relação amigável com seus professores.

Ficando evidente que os estudantes apreciam mais as disciplinas ministradas por professores com os quais se relacionam melhor, pois a conduta desses profissionais influencia a motivação, a participação e a dedicação aos estudos. Motivar um estudante, então, não é uma questão de técnica, mas depende da relação que se estabelece com esse sujeito. (RIBEIRO, 2010, p. 404)

De acordo com Ribeiro (2010) o papel do professor torna-se complexo quando além de mediador de informações e tem no estudante um parceiro para construção de novos conhecimentos.

Em uma declaração, Ribeiro (2010) constata que seus estudos trazem compreensão sobre a importância da relação afetiva na ação docente mostrando seu ponto negativo e positivo.

Nesse sentido, mostra que a afetividade pode estimular ou inibir o processo de aprendizagem dos alunos: do ponto de vista negativo, a ausência desse fator aparece como a principal fonte de dificuldades da aprendizagem dos sujeitos; ao contrário, do ponto de vista positivo, a sua presença favorece a relação do aluno com as disciplinas do currículo e com o professor, e assegura, conseqüentemente, melhores desempenhos nos estudos. (Op.cit, 2010)

O autor mostra possíveis explicações para a ausência da dimensão afetiva no meio pedagógico como, por exemplo, as grandes demandas que o professor da atualidade encontra tanto em fatores internos como externos e que o pressionam para um ensino cada vez mais eficaz, além do avanço tecnológico. A estabilidade profissional e os baixos salários também contribuem para que o professor se sinta cada vez mais desmotivado, passando isso para a sala de aula, (RIBEIRO, 2010).

Sendo assim, ao final do estudo o autor afirma que “a dimensão cognitiva é necessária, mas insuficiente para a aprendizagem escolar dos estudantes.” (RIBEIRO, 2010, p. 410). Sendo que o assunto afetividade deve ser discutido por professores e gestores equilibrando dimensão afetiva e cognitiva (Op.cit, 2010).

Finaliza-se este tópico com o estudo de Lourenço (2018) que realizou uma pesquisa qualitativa no Município de Campina Grande/PB com professoras do maternal I e II onde foi possível identificar a importância dada pelas professoras em relação a afetividade e a forma como trabalham essa questão com as crianças na creche. Também foi feito um levantamento sobre a opinião das docentes sobre a relação afetiva em casa com seus pais.

Com este estudo o autor afirma que foi possível rever as relações afetivas entre as crianças e seus familiares através da visão das professoras da creche, trazendo à tona questões

como, a referência afetiva que a criança encontra no professor em sala de aula, muitas vezes falta dentro do seu próprio lar. (LOURENÇO, 2018).

A pesquisa foi feita “através da análise de três vertentes principais, são elas: a afetividade na visão das professoras; a forma de trabalho da afetividade na Educação Infantil; a relação familiar no processo da afetividade. (Op. Cit., 2018, p.10)

De acordo com o autor é possível explorar o processo da conduta afetiva das crianças, a partir do seu convívio em casa com familiares desde seus primeiros anos de vida e a forma como as professoras trabalham essa questão, sendo a afetividade um meio contínuo de desenvolvimento, sendo importante desde o nascimento da criança. (LOURENÇO, 2018)

As perguntas da pesquisa destinadas às professoras, tiveram o objetivo de analisar seus pensamentos sobre a afetividade na educação infantil e se as mesmas se identificam com a área escolhida, uma vez que, quando as professoras gostam do que fazem a sua relação com o aluno é de maior cuidado e carinho contrapondo as que tem desgosto pela profissão.

A professora A, ao ser questionada sobre a afetividade, diz que: “A afetividade é essencial para o desenvolvimento da criança na educação infantil, pois, ela possibilita a motivação da criança em querer aprender, em sentir-se segura e aceita.” (LOURENÇO, 2018, p. 22).

As professoras acreditam que a afetividade é primordial no processo de desenvolvimento do aluno, visto que muitos alunos não encontram afeto dentro de casa tanto quanto tem em sala de aula. Por esse motivo a professora C diz: “que muitas vêm de um lar desprovido de carinho, atenção e amor quando você dá tudo isto você percebe a sua reação” (LOURENÇO, 2018, p. 23).

Em um segundo momento, Lourenço (2018) procurou averiguar a maneira como a afetividade é trabalhada pelas professoras, as dificuldades e as contribuições que encontram ao tratar o tema.

Para trabalhar a afetividade em sala de aula, as professoras que participaram da pesquisa usaram atividades lúdicas para desenvolver esse momento com as crianças, com a utilização de música, histórias e brincadeiras permanecendo atentas aos limites das crianças, como descrito pelas professoras:

A: “através de leitura e contando histórias que envolvem sentimentos, emoções, amizade e músicas que permitem a interação afetiva com o outro” e professora D: “respeitando os limites da criança, compreendendo o seu tempo de descoberta de seu processo cognitivo (...)” (OP. CIT. 2018, p. 24-25)

Uma das dificuldades que encontram para realização do trabalho afetivo é a falta de estrutura que favoreça a inserção de atividades que valorizem esse momento como, por exemplo, materiais pedagógicos, rádio para que as crianças escutem músicas de acordo com a realidade infantil, brinquedos e espaço físico (LOURENÇO, 2018).

Sobre as contribuições no trabalho da afetividade na Educação Infantil a professora D responde que: “[...] contribuir para o crescimento e liberdade e expressão das crianças, formando assim um indivíduo crítico com capacidade de pensar e participar ativamente de uma sociedade a qual está inserido”. (Op. Cit. 2018, p. 25-26)

Lourenço (2018) mostra que a relação familiar é muito importante no processo de ensino e pode contribuir para o desenvolvimento emocional da criança. Muitas vezes as professoras ao notarem falta de afeto no lar do aluno o tratam de maneira diferente para tentar compensar a falta de zelo em casa, fazendo com que assim, a professora tenha um papel maternal em sala de aula.

No que diz respeito a isso, a professora F respondeu que “[...] o educar herda alguns atributos e alguns deveres da mãe. Com o decorrer do ano letivo o amor aflora de professor para aluno e vice-versa. É gratificante trabalhar na educação infantil”. Isso mostra que o instinto maternal também é importante no processo da afetividade, como foi respondido pela professora C que diz “cuidamos e tratamos as crianças como se fossem nossos filhos com muito carinho e atenção e procurando dá o melhor de si” (Op. Cit. 2018, p. 28).

Sendo assim, Lourenço (2018) destaca a afetividade como fator de extrema importância na formação do caráter das crianças como também na construção do seu processo cognitivo “uma vez que, desde presentes em um ambiente afetivo, as crianças começam a ter respeito pelos professores e pelo ambiente escolar” (LOURENÇO, 2018, p. 30).

Como conclusão da pesquisa, foi possível notar que as professoras se mostram capazes e realizadas ao trabalhar na educação infantil e gostam do que fazem demonstrando uma identificação com teóricos que falam sobre afetividade, com isso elas criam maiores proximidades e doam mais amor e carinho para os alunos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo discute as possíveis influências que a afetividade tem no processo de formação da criança. A relação entre professor e aluno pode afetar de várias maneiras o desenvolvimento, levando em consideração as dependências emocionais que encontramos

nessa idade e em como o docente pode contribuir para que essa relação entre ambos seja positiva de forma a favorecer o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Com base nos estudos realizados percebe-se que a formação humana é complexa, e necessita de vários fatores para que o sujeito se desenvolva. A afetividade complementa o aspecto cognitivo colaborando ou dificultando o ganho de novos conhecimentos que permitem que a criança se desenvolva.

Através deste trabalho foi possível verificar que, para que ocorra o desenvolvimento e aprendizagem é preciso haver afetividade no meio escolar, visto que cognitivo e afetivo estão interligados. A relação entre professor e aluno é de grande importância para o processo de ensino, dado que, a mediação pedagógica é determinante para o sucesso do aluno. Sendo assim, os impactos afetivos não devem ser negados nas elaborações das propostas pedagógicas.

A elaboração deste estudo, baseado no afeto em sala de aula, teve como objetivo definir conceitos de relação entre professor e aluno na Educação Infantil e analisar sobre como a relação afetiva pode desenvolver a parte cognitiva de uma criança possibilitando que ela evolua em todas as suas dimensões. Para responder ao objetivo apresentado, foi desenvolvida uma pesquisa de abordagem qualitativa com a realização de revisão bibliográfica em obras e artigos científicos que discutem o tema proposto.

Muitos desafios foram encontrados ao produzir o presente texto, os que mais tiveram peso foram à ausência de estudos com metodologias sobre o tema e a suspensão das aulas presenciais decorrentes da pandemia da COVID-19, que inviabilizou a troca de conhecimento com colegas e professores do meio acadêmico de forma mais participativa.

Deste modo, como sugestão para futuros estudos que promovam uma evolução dessa pesquisa, considera-se que há uma abordagem ampla acerca da afetividade em sala de aula na Educação Infantil para que assim seja possível agregar novos conhecimentos e possibilidades nesse assunto.

## **CHILD DEVELOPMENT IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: the importance of the affective relationship between teacher and student**

### **ABSTRACT**

This study describes the child's development during early childhood education and the importance of the affective relationship between students and teachers. This approach is

justified in view of the recognition of the need to establish affective bonds at school. The study aims to analyze the influence that affectivity has on human development, especially in early childhood education, and to define concepts on the subject. This intent will be achieved through a bibliographic review carried out on scientific works and articles published in academic journals. The study shows that in scientific and governmental documents, affectivity is an extremely important consideration for the child's development. Despite this, in some situations, there is an absence both in educational practice and in the curricula of initial and continuing teacher education courses so that there is a greater interrelationship between the affective and cognitive aspects in the school environment.

**Keywords:** Early Childhood Education. Affection. Teacher and student.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola**: educando com firmeza. Londrina:Maxiprint, 2006.194p.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8.069/90. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 29 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 1999. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf)>. Acesso em: 7 de ago. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 22 de set. 2021.

GAZARO, Daniela Cristina dos Santos. **O papel da afetividade na Educação Infantil**. Instituto Federal Catarinense Campus Avançado Abelardo Luz Especialização em Educação, 2018. Disponível em: <<http://abelardoluz.ifc.edu.br/wp-content/uploads/2019/02/TC-Daniela.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2021.

GOMES, Cláudia Aparecida Valderramas. O lugar do afetivo no desenvolvimento da crianças: implicações educacionais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 509-518, jul./set. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/SfrDL3FRH93VPXXz76Gxfvm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 de out. 2021.

LA TAILLE, Yves. et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LOURENÇO, Iana Maria Pereira. **AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL: concepções e práticas docentes no Município de Campina Grande/PB**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Paraíba, 2018. Disponível em: <[https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11026?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11026?locale=pt_BR)>. Acesso em: 21 de set. 2021.

PIAGET J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar; 1978, Edição original de 1946.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

RIBEIRO, Lady Daiane Martins, et. al. Vigostysky e o Desenvolvimento Infantil. *In*: Adriana Freitas Neves, Maria Helena de Paula, Petrus Henrique Ribeiro dos Anjos. (Org.). **Estudos Interdisciplinares em Humanidade e Letras**. 1ed.São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 2016, v. 1, p. 393-409. capítulo 23

RIBEIRO, Marinalva Lopes. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia**, v. 27, p. 403-412, Campinas, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yHSYRVgtXbrdFnBHw5BVsRc/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 17 de set. 2021.

SHAFFER, D. R. KIPP, K. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SILVA, Dener Luiz da. Do gesto ao símbolo: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica. **Educar em Revista Online**. 2007, n. 30, p. 145-163. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40602007000200010>> Acesso em 12 de out. 2021.

SILVA LEITE, Sérgio Antônio. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em psicologia**, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a06.pdf>> Acesso em: 17 de set. 2021.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa Online**. 2011, v. 27, n. 2, p. 249-254. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000200005>> Acesso em: 12 de out. 2021.